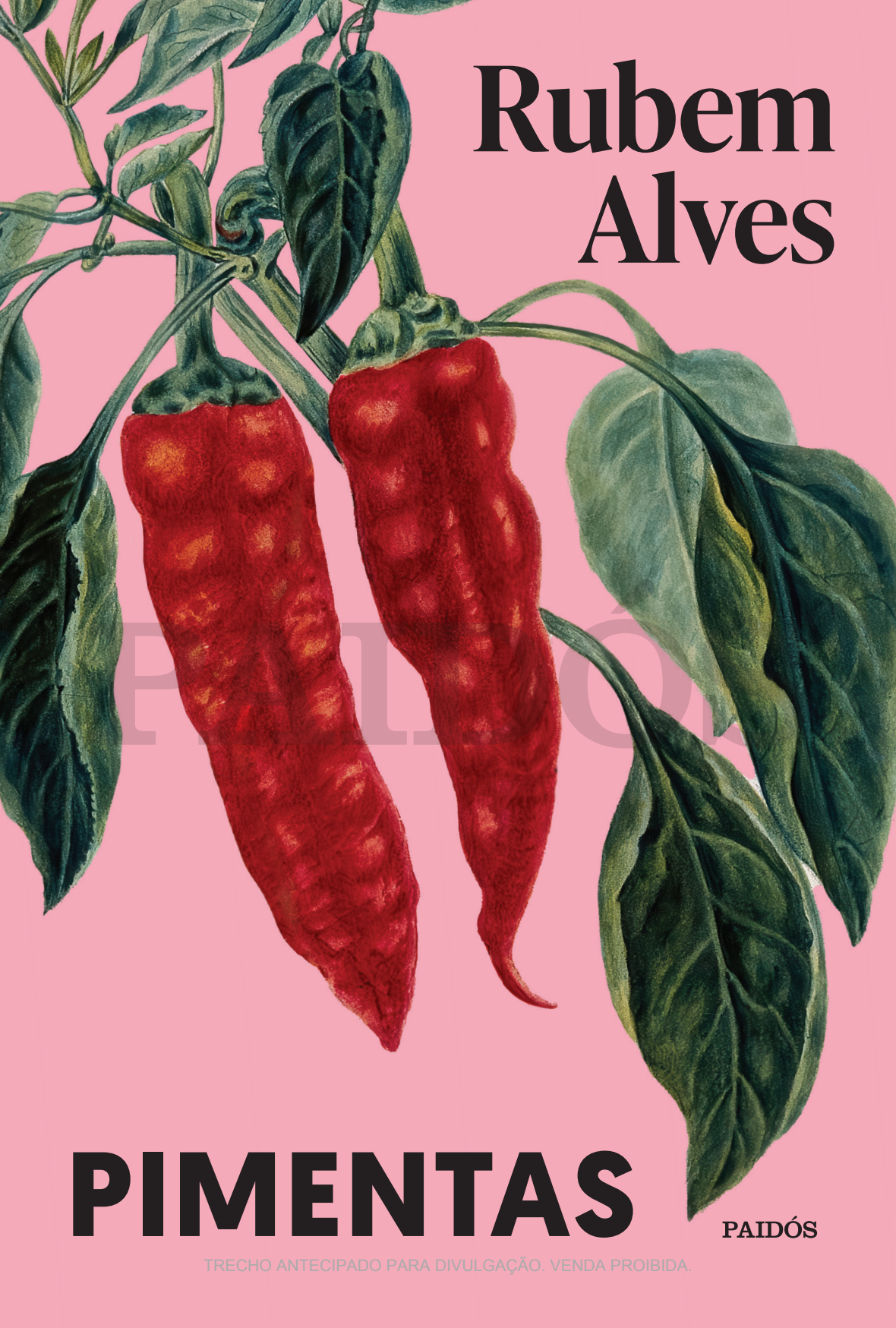


A detailed botanical illustration of two red chili peppers hanging from a green stem with several large, dark green leaves. The peppers are elongated and have a slightly wrinkled texture. The background is a solid light pink color.

Rubem Alves

PIMENTAS

PAIDÓS

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Rubem Alves

PIMENTAS

3ª edição

PAIDÓS

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Rubem Alves, 2007
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2007, 2012, 2025

Todos os direitos reservados.

Revisão: Tulio Kawata e Wélida Muniz
Projeto gráfico e diagramação: Negrito Produção Editorial
Capa: Filipa Damião Pinto (@filipa_) | Estúdio Foresti Design
Ilustração de capa: Chilli or pepper plant (*Capicum annuum*): fruiting stem. Watercolour.
Wellcome Collection/Rawpixel
Ilustrações de miolo: Elivelton Reichert

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Alves, Rubem
Pimentas / Rubem Alves. – 3. ed. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2025.
224 p.

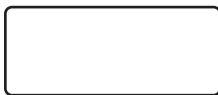
ISBN 978-85-422-3001-7

1. Crônicas brasileiras I. Título

24-5340

CDD B869.3

Índice para catálogo sistemático:
1. Crônicas brasileiras



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2025
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação
São Paulo-SP – CEP 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

1

BRUXAS E VASSOURAS

Nunca entendi as razões por que as bruxas usavam vassouras como meio de transporte. Pelo que sei, as bruxas são entidades dotadas de grande poder, e não há razões para que saiam pelos céus exibindo a sua indigência, usando esse objeto sujo como se fosse um disco voador. (Há de se considerar essa hipótese de que as bruxas tenham trocado as vassouras pelos discos voadores. Mas sobre ela não tenho comprovação científica.) Eu preferiria, para seguir as estórias das mil e uma noites, que elas viajassem num tapete persa mágico ou que cavalgassem um macio dragão que soltasse fogo pelas ventas, tal como fez o Bastian Balthazar Bux, cavalcando o dragão Fuchur, do livro *História sem fim*. (Esse livro é uma delícia. Você gostará e também os seus filhos...) Mas todas as coisas, mesmo as mais estranhas, têm as suas razões. Aprendi que é fato comprovado: as bruxas viajavam por terras maravilhosas e desconhecidas tendo uma vassoura no meio das pernas. Aconteceu assim. Ia eu numa das minhas caminhadas matutinas pela Fazenda Santa Elisa, quando me vi diante de uma árvore cheia das flores brancas vulgarmente cha-

madras trombetas, pendentes dos galhos como pequenos lustres. Essa flor eu a conheço desde a minha infância. Elas são grandes, lindas e perigosas. Sua brancura esconde poderes alucinógenos incomparáveis, ultrapassando em muito os produtos que se encontram no mercado. Podem ser letais. Sei de um pesquisador sóbrio que só de manipular essa flor no laboratório ficou doidão. Tenho várias delas em Pocinhos, mas admiro sua beleza de longe. Gostaria de saber o que acontece com os insetos que as polinizam. Ficam doidões? Comentei esse fato com o pesquisador que me acompanhava, e ele me informou que, segundo informações da Internet, há uma curiosa relação entre essa flor, nome científico *datura*, e a lenda das bruxas que voam montadas em vassouras. Quem quiser que entre no Google: witch + *datura*. As bruxas são uma invenção da Inquisição. Para justificar a sua queima nas fogueiras pela glória de Deus, diziam que eram adoradoras do Demônio. E mais, que até transavam com o dito. Na verdade, as mulheres que a Inquisição amaldiçoou com o nome de bruxas eram sacerdotisas de uma antiquíssima religião anterior ao cristianismo, religião matriarcal baseada na Terra, no ciclo dos astros, no tempo e nas plantas e animais. Faziam, com frequência, uso de plantas psicoativas em busca de sabedoria e de experiências com o sagrado. Uma das poções alucinógenas usadas por elas tinha o nome de “unguento voador” feito com uma mistura de ervas, uma delas sendo a trombeta, ou *datura*, que era também conhecida como “o suco da alegria”. A *datura*, misturada com várias outras ervas, era fervida em óleo, provavelmente num caldeirão, e depois bebida num ritual. Aquelas que a tomavam tinham alucinações, delírios e amnésia. A experiência devia ser boa, caso contrário, teria sido abandonada. Aconteceu, entretanto, que, em decorrência dos seus perigos, as sacerdotisas trataram de inventar uma versão mais suave e segura. Em vez de

beber, esfregar nas mucosas. Esfregar nas mucosas da boca não resolve porque é o mesmo que beber. Sobram outras mucosas... Assim, ao fazer a poção mágica, uma vassourinha de pelos macios ia mexendo a beberagem. A vassourinha de pelos macios era então usada para umedecer as mucosas das regiões entre as pernas, genitais. Assim, vinham-lhes deliciosas alucinações, e elas voavam, montadas na vassourinha... Está assim explicada a lenda das bruxas montadas nas vassouras. Mas bruxa velha, com nariz adunco e comprido, chapéu preto e pontudo, isso é invenção de padre. Acho que as sacerdotisas podiam até ser muito bonitas...

PAIDÓS

2

FILOSOFIA DO GATO

Olho para o meu gato e medito. Medito teologias. Diziam os teólogos de séculos atrás que a harmonia da natureza deve ser o espelho em que os seres humanos devem buscar suas perfeições. O gato é um ser da natureza. Olho para o gato como um espelho. Não percebo nele nenhuma desarmonia. Sinto que devo imitá-lo.

Camus observou que o que caracteriza os seres humanos é a sua recusa a serem o que são. Eles não estão felizes com o que são. Querem ser outros, diferentes. Por isso, somos neuróticos, revolucionários e artistas. Do sentimento de revolta surgem as criações que nos fazem grandes. Mas, nesse momento, eu não quero ser grande. Quero simplesmente ter a saúde de corpo e de alma que tem o meu gato. Ele está feliz com a sua condição de gato. Não pensa em criações que o farão grande.

Deitado ao lado do aquecedor (que manhã mais fria!), ele se entrega, sem pensar, às delícias do calor macio. Nesse momento, ele é um monge budista: nenhum desejo o perturba. Desejos são perturbações na tranquilidade da alma. Ter um desejo é estar infeliz: falta-me alguma coisa, por isso desejo... Mas para o meu

gato nada falta. Ele é um ser completo. Por isso pode se entregar ao calor do momento presente sem desejar nada. E esse “entregar-se ao momento presente sem desejar nada” tem o nome de preguiça. Preguiça é a virtude dos seres que estão em paz com a vida.

Por pura brincadeira, escrevi um livrinho sobre demônios e pecados. Os demônios continuam soltos pelo mundo do jeito que sempre estiveram. Só que agora fazem uso de disfarces. Até se rebatizaram com nomes diferentes, científicos. Lidando com os demônios, usei palavras filosóficas e psicanalíticas de exorcismo. Lidando com os pecados, usei palavras éticas de condenação.

Tudo ia muito bem até que cheguei ao pecado da preguiça. Preguiça é fazer nada. Nossa tradição religiosa nada sabe da espiritualidade oriental do taoísmo, que faz do “fazer nada”, *wu-wei*, a virtude suprema.

E aí, então, aquilo que deveria ser uma condenação do pecado da preguiça virou um elogio às delícias e virtudes da preguiça.

Alguém disse que preferia os gatos aos cachorros porque não há gatos policiais. Policiais existem para fazer cumprir a lei, o dever. Dentro de mim, desgraçadamente, mora aquele cão policial a que Freud deu o nome de superego: ele rosna ameaças e culpas todas as vezes em que me deito na rede.

Meu gato, na sua imperturbável preguiça, me dá uma lição de filosofia. Não me dá ordens. Ele deve ter aprendido do *Tao-Te-Ching*, que diz que o homem verdadeiramente bom não faz coisa alguma...

Estou velho e quero que me seja dado o privilégio de me entregar à filosofia do meu gato: fazer nada. Com consciência limpa, repetir com Fernando Pessoa: “*Ai que prazer não cumprir um dever. Ter um livro para ler e não o fazer...*”.

Assim, proponho que se acrescente aos direitos humanos já escritos, um outro, para os velhos: “*Todos os velhos têm o direito à*

felicidade da preguiça". Pois, como o Riobaldo disse: "*Ah, a gente, na velhice, carece de ter sua aragem de descanso...*".

Assim,

"vou descansar meu fardo no chão,

À margem do rio...

Não vou mais me preocupar com a guerra...

Vou pôr no chão minha espada e meu escudo,

À margem do rio...".

PAIDÓS

3

SOBRE OS GATOS

Nunca tive intimidade com os gatos e sempre os olhei de longe, com desconfiança. Preconceito meu sustentado por uma estória que minha mãe contava de um gato que havia matado um padre. Hoje, sei que ele não o teria feito se não tivesse razões... Os bichos que amo são os cachorros, e eles me amam. Meu amor pelos cachorros se consubstanciou num artigo que escrevi sobre minha cadela Lola, a pedido da redação da *Folha de S.Paulo*. Olhando para os seus olhos, que estavam fixos nos meus, eu me perguntei: “O que será que ela pensa de mim?”. Sobre isso escrevi.

Cães, nem sei quantos tive: pastores, dobbermans, dálmatas, boxers, weimaraners, cockers... Os dobbermans foram os mais obedientes; os boxers, os mais mansos e efusivos. A Nina, cadela dálmata, foi a mais desobediente e não gostava de crianças. Era preciso trancá-la quando havia crianças em casa.

Menino, eu sonhei ter um cãozinho. Mas nunca me foi permitido ter um. Realizei o meu sonho simbolicamente: comprei um caderno de desenho dos grandes, no qual fui colando foto-

grafias de cachorros que eu recortava de revistas. Assim, meu amor pelos cachorros se realizou platonicamente.

Mas nunca tive simpatia pelos gatos. Também eles nada fizeram para que eu gostasse deles. Os cachorros são comunicativos, querem fazer amigos, são dotados de um humor italiano, fazem barulho, estão sempre sorrindo com o rabo, gostam de brincar e seu único desejo é agradar os seus donos. Uma amiga enviou-me um e-mail contando da sua cadela labrador, adolescente, chamada Lua. Pois a Lua gosta de plantas, especialmente bromélias, que ela arranca do jardim e deposita na porta da cozinha com latidos de felicidade, latidos esses que, se traduzidos, querem dizer: “Eis o presente de flores que colhi no campo para você...”.

Os cães se parecem tanto com os humanos! O que já havia sido constatado por um dos nossos antigos ministros, que, inquirido sobre as razões que lhe permitiam transportar o seu cão em carro oficial, explicou: “Os cachorros também são seres humanos...”.

Se isso tivesse acontecido no Egito Antigo, e um ministro fosse inquirido pelo seu uso das carruagens oficiais para transportar o seu gato, a resposta seria mais surpreendente: “Não sabe o senhor que os gatos são seres divinos?”. Sim, no Egito, os gatos eram deuses. Talvez algo dessa teologia tenha escorrido até nós. Pois não dizemos de uma mulher bonita: “Ela é uma deusa”, e, para completar: “Ela é uma gata”?

Mas comecei a mudar de ideia sobre os gatos quando minha filha me deu um de presente. E logo ficamos amigos, eu e o gato.

Hoje, o meu médico clínico me enviou um artigo que apareceu no *The New England Journal of Medicine*, 26 de julho de 2007, um dos mais respeitados periódicos das ciências médicas. Sobre um gato chamado Oscar. Oscar vive numa instituição que acolhe pessoas em estado terminal. Diariamente, ele segue uma

rotina. Abre os olhos preguiçosamente e põe-se a fazer aquilo a que os médicos dão o nome de visita: vai de leito em leito, sobe na cama, cheira o ar e faz o seu diagnóstico. Se não é para acontecer naquele dia, ele desce e vai para o leito seguinte, onde repete o procedimento. Se, por acaso, sua misteriosa sensibilidade detecta o cheiro, ou as vibrações, ou a música da morte, ele se aloja junto do moribundo, e a enfermeira sabe que é preciso avisar os parentes.

Isso me deixou um tanto apreensivo, porque o meu gato tem insistido em dormir na minha cama e é preciso expulsá-lo fazendo uso da força. Será que ele faz isso por gostar de mim ou para que os outros avisem meus parentes?

PAIDÓS